

JORNALISMO E HUMANIZAÇÃO: A ESCRITA DE HOMENAGENS ÀS VÍTIMAS DA COVID-19

Resumo

Dos números aos nomes, às memórias, à narrativa humanizada. Este artigo põe em discussão a humanização no discurso jornalístico em relação às perdas por Covid-19 a partir da análise do processo de escrita de textos-tributos dentro do projeto “Memoráveis Alagoas”. A metodologia empregada se baseia em pesquisa bibliográfica sobre práticas e formatos jornalísticos, além do relato de experiência de integrantes que apresentam a dinâmica da atividade, técnicas de entrevistas empregadas e a escrita de homenagens, considerando também a vivência dentro da extensão. Os resultados apontam para o estímulo da sensibilidade e humanização do trabalho não só dos comunicadores envolvidos enquanto voluntários, mas também da imprensa local como um todo em um contexto de pandemia que ceifou a vida de tantos alagoanos.

Palavras-chave: Comunicação; Extensão; Narrativas; Projetos.

Ana Beatriz de Gusmão Rodrigues (Autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

Kamilla Abely Dias Gomes (Autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

Submetido em Out/2022.
Aceito em Nov/2022.
Revisado em Jan/2023.
Publicado em Fev/2023.

INTRODUÇÃO

Maria Abigail, Juliano Fiori e Audifax Seabra não são números. Alagoanos e brasileiros que se foram em decorrência da Covid-19 precisam ser apresentados para além das estatísticas, pois eles materializaram trajetórias que foram registradas na memória coletiva da sociedade. É sob essa perspectiva de humanização dos relatos jornalísticos pela imprensa que surge o Memorial Inumeráveis e o projeto Memoráveis Alagoas.

Com o lema “não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”, o Inumeráveis se apresenta como um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do novo coronavírus no Brasil, atuando a partir de uma rede colaborativa de profissionais por todo país.

Levando em consideração essa busca pela construção de um registro com as narrativas de vida, o Memoráveis foi criado em maio de 2020, no início da pandemia, enquanto projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) com o objetivo de contar as histórias de vidas das pessoas que se foram em decorrência da Covid-19 no estado alagoano, colaborando e atuando em conjunto com o Memorial Inumeráveis - plataforma nacional e pioneira na iniciativa.

Sabe-se que a extensão é um dos pilares da universidade responsável pela troca de saberes entre professores, alunos e comunidade. Como argumenta Del-Masso *et al.* (2017), a extensão universitária envolve diferentes áreas do conhecimento que podem ser aplicadas de várias formas. A interdisciplinaridade presente nesse contexto se torna um fator importante na formação do aluno, constituindo-se como um espaço em transformação por estar diretamente ligado ao modo que vivemos.

Articulado com o ensino da graduação dos cursos de comunicação, o Memoráveis Alagoas buscou levar à sociedade, de forma aplicada, o que os estudantes aprenderam em sala de aula, como por exemplo, técnicas e abordagens na hora de entrevistas feitas pelos alunos voluntários.

O projeto vivenciou diversas fases da pandemia: o momento em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de pandemia e o consequente isolamento social, que veio como *lockdown* para muitas cidades do Brasil; assim como a abertura lentamente do

comércio e as primeiras vacinas. Atualmente, o projeto acompanha a 4^o dose da vacinação contra a Covid-19 e as ondas da doença que atingem os estados brasileiros. Até o momento da escrita deste artigo, Alagoas totalizou 9.952 mortes em decorrência do novo coronavírus, segundo o Painel de informações interativas sobre a pandemia da COVID-19 em Alagoas e seus municípios.

O Memoráveis conta com 20 membros, divididos em 5 Grupos de Trabalho (GTs) que possuem diferentes atuações: (1) Apuração e Abordagem de fontes, (2) Redação, (3) Assessoria de Comunicação e Mídias Sociais, (4) Audiovisual e (5) Podcast.

Este artigo traz o relato de experiência de duas integrantes do GT de Redação, que é destinado à entrevista de parentes e/ou amigos das vítimas para a produção dos textos que homenageiam esses alagoanos - principal produto do projeto. Vale salientar que o foco do presente trabalho é discutir os aspectos relacionados à produção dos textos póstumos, não sendo o objetivo se aprofundar nos processos de outros grupos de trabalho do projeto (como apuração, mídias sociais, etc), podendo esses serem apenas citados ao longo da análise.

A metodologia consistiu na realização de pesquisas bibliográficas sobre o gênero obituário, práticas e formatos jornalísticos em um contexto digital, analisando os processos de produção de texto dentro do projeto. No que diz respeito ao arcabouço teórico presente nas discussões, pautamo-nos nas considerações de Floresta e Braslauskas (2009), Vieira (2017), Cunha e Mantello (2014), Del-Masso (2017), Aguiar (2021), entre outras.

DANDO NOMES AOS NÚMEROS

No jornalismo tradicional, é comum noticiar as mortes humanas através de colunas com breves notas sobre o falecimento. O denominado gênero obituário, por sua vez, é o informe a respeito da morte de um indivíduo, no qual se aborda, brevemente, os feitos, talentos e legados da vida que se extinguiu. Em geral, apenas comunica-se filiação e laços familiares, além de nome completo, idade e lugar onde será cremado ou enterrado.

No caso de personalidades famosas, os obituários são muitas vezes escritos com um toque literário, não raro com certa generosidade. Neles, narram-se a vida e as principais

realizações do/a falecido/a. Normalmente, pode ser publicado em jornais como: comunicado, anúncio pago ou na seção de utilidade pública.

Ao tratar sobre a historicidade dos obituários, sobretudo no contexto dos jornais ingleses do século XIX, Willian Vieira (2017, p. 144) ressalta que “era um momento histórico-social rico, no qual a morte ganhava espaço no imaginário público por meio de catástrofes e guerras retratadas diariamente na imprensa”. Tal interesse massivo pela vida pessoal dos famosos surge, pois, com a consolidação da imprensa e o acesso barato a narrativas como os obituários.

[...] os obituários viriam preencher o vazio simbólico deixado pelos epitáfios, que já não davam conta da necessidade popular por narrativas de vida e morte mais complexas, cujo caráter romanesco, incentivado pelo aumento da leitura e pelo consumo cada vez mais difundido da imprensa, era demandado. (VIEIRA, 2017, p. 144).

Analisando o processo de noticiamento das mortes em decorrência da Covid-19 no início de sua circulação, a imprensa hegemônica tratou o coronavírus como uma doença devastadora e as perdas humanas decorrentes apenas como frias estatísticas, como destaca a jornalista e pesquisadora Sônia Aguiar:

[...] a profusão informacional de dados sobre a doença acabou provocando um efeito colateral socialmente danoso. À medida que a contaminação se acelerava e se expandia geograficamente, tanto em quantidade de novos casos quanto de mortes, a cobertura foi se massificando e se desumanizando, ao deixar de lado as circunstâncias dramáticas das pessoas afetadas, que acabavam reduzidas a números (AGUIAR, 2021, p. 12).

E foi nesse contexto de necessidade de humanização das narrativas que projetos como o Memoráveis Alagoas fizeram o caminho inverso, reforçando que cada vida ceifada tinha um nome, família e história que mereciam ser respeitados e lembrados.

[O Inumeráveis] É uma celebração de cada vida que existiu e que existe, e de como podemos entrelaçá-las para construir memória, afeto, respeito e futuro. Desde 2020, o mundo vem sendo duramente atingido pelo coronavírus. Como em todas as pandemias,

peças tornaram-se números. Estatísticas são necessárias. Mas palavras também. Se nem todas as vítimas tiveram a chance de ter um velório ou de se despedir de seus entes queridos, queremos que tenham ao menos a chance de terem a sua história contada. De ganharem identidade e alma para seguir vivendo para sempre na nossa memória. (INUMERÁVEIS, 2020, online).


João, Maria Abigail, Fátima e José não são números. Essa frase marcou a iniciativa no país, levando exemplo de humanização para o discurso jornalístico, que mudou seu tom pouco depois. O processo de humanização iniciou com o projeto nacional e seguiu com experiências colaborativas nos estados, a exemplo do Memoráveis Alagoas. Isso se reflete em cada etapa que compõe o projeto, desde a apuração da história à forma como é produzida, divulgada, postada e repostada nas redes sociais.

Baseados nas entrevistas realizadas com familiares e/ou pessoas próximas ao homenageado, os textos-tributos produzidos pelo projeto se pautam em ressaltar as características e personalidade, gostos e costumes, relação com a família e amigos, fatos marcantes na vida pessoal ou profissional, a rotina, planos e sonhos para o futuro. Tais narrativas biográficas possuem um grande potencial de sensibilização, como pontuam Rondelli e Herschmann (2000):

As narrativas biográficas e autobiográficas oferecem um enquadramento retrospectivo e prospectivo ao ordenarem a vida articulando memória e aspirações ('projetos') dos indivíduos, suas motivações e os significados de suas ações numa conjuntura própria de vida, conferindo uma sequência às etapas de uma trajetória pessoal (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 203).

Nesse sentido, as produções apresentam estilo de escrita sensível e poética, podendo trazer citações de parentes e até frases atribuídas ao próprio homenageado. Os textos priorizam boas lembranças, evitando trazer imagens de sofrimento. Incluindo partes da vida, como infância, profissão e sonhos realizados ou futuros, destacando experiências e emoções com objetos e familiares, reforçando coisas que merecem ser lembradas sempre ao falar daquela determinada personalidade. Após concluídos, os textos-tributos são submetidos e publicados na

plataforma nacional do Inumeráveis e contam com 2 mil caracteres, em média. Abaixo segue exemplo de uma produção do projeto:

José Cícero da Silva 

1965 - 2020

Prestativo, tinha prazer em tentar reparar até o que, muitas vezes, não tinha conserto.

José Cícero não gostava de ficar parado. Finha, como era carinhosamente chamado pelos mais próximos, dedicava-se inteiramente às necessidades da família, mas não abria mão de ajudar quem quer que fosse e sua determinação para isso era admirável.

Na juventude, mudou-se para a casa de seu tio, a fim de alcançar um objetivo: ser policial. Junto com seu primo Lenildo, conseguiu realizar esse sonho com muito esforço. Muitas vezes, chegava tão cansado das atividades do quartel que dormia na calçada de casa, mas no fim, tornou-se uma figura ímpar na corporação, conhecido como “furacão” cheio de alegria no 8º batalhão da Polícia Militar de Alagoas durante 31 anos.

Uma das maiores características de “J. Cícero” era a sua energia. Adorava pilotar motos, instalar sons automotivos e estar junto dos seus. Era fã do personagem “MacGyver” e, com seu jeito brincalhão, adotava esse pseudônimo para xavecar as garotas na adolescência. Também amava música, seus ídolos eram Bob Marley e Jimmy Cliff.

Fonte: Inumeráveis, 2020 (Tributo escrito pela integrante do projeto Miriam Pimentel).

Ao final da história, são sempre ressaltadas informações como a idade, cidade de nascimento e óbito do personagem: “José nasceu em Cajueiro (AL) e faleceu em Maceió (AL), aos 55 anos, em decorrência do novo coronavírus”.

LUTO EM PAUTA: O PROCESSO DE APURAÇÃO E ENTREVISTA COM OS PARENTES

Para Santi (2010, p. 9), “a apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo”, sendo este o momento de identificar os principais pontos e informações. Uma boa apuração garante mais artifícios para um produto

final satisfatório. No caso do Memoráveis Alagoas, quanto mais lembranças e informações sobre o homenageado, mais rico fica o texto tributo, mais lembranças são vindas à tona, mais completa fica a homenagem.

Os fenômenos da internet e do distanciamento social provocados pela pandemia da Covid-19 foram fatores primordiais para que as técnicas jornalísticas de apuração fossem repensadas pelos jornalistas. O que antes era apenas uma alternativa secundária - apuração por redes sociais e telefone - se tornou a principal forma de entrevistar fontes e obter informações para realizar uma reportagem, e no caso do Memoráveis, o texto tributo.

Seguindo o processo de produção jornalística, com informações apuradas, parte-se para a abordagem das fontes mediante entrevista. Para resultar numa boa escrita, a entrevista é a base para toda produção noticiosa dentro do jornalismo. Segundo Nilson Laje (2001, p. 32), a “entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”.

No Memoráveis, para produzir uma homenagem sensível e fidedigna, entrevistamos um representante da família ou amigo que estivesse disposto e confortável para conversar sobre a vida da pessoa homenageada. Dentro da categorização proposta por Laje (2001), podemos definir esse tipo de entrevista como testemunhal e em profundidade, isso porque é constituída pelo relato do parente acerca de aspectos e impressões sobre a vida do personagem homenageado, do qual foi próximo de alguma maneira.

Dentro do contexto pandêmico, o processo de entrevista ocorreu de forma virtual, com o intuito de preservar a saúde e integridade física dos envolvidos. As formas de obter os relatos alternam conforme a necessidade e a disponibilidade dos entes queridos, podendo variar entre conversas por aplicativos com troca de mensagens escritas ou em áudio, ligações e videochamadas.

O jornalista da contemporaneidade utiliza muitos artifícios na hora de apurar e entrevistar. "Apesar de não existirem estatísticas sobre o assunto, grande parte do que se publica hoje é obtido por meio de entrevistas por telefone." (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p. 82). Dessa forma, a pandemia fortaleceu não só a forma clássica de usar o telefone, mas

proporcionou também o uso frequente dos smartphones com seus aplicativos de mensagens e videochamadas dentro das redações.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), que incluem a forma como a comunicação fluiu em momentos onde a tecnologia avançou, possibilitam alcançar resultados que talvez fossem questionáveis há alguns anos. Com a internet, as interações se moldaram, como reflete Thompson (2009, p.119). As novas formas e plataformas permitem que seja possível desenvolver trabalhos, mesmo em momentos “cujas relações sociais básicas aparecem intactas”, com a reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do tempo. Em outras palavras, os indivíduos podem interagir mesmo que não partilhem do mesmo ambiente, o que foi primordial para a realização das várias etapas contidas no projeto de extensão.

Após receber o contato disponibilizado pela equipe de Apuração, a entrevista é marcada pelo membro responsável pela história dentro da escala do GT 2. Na dinâmica, o integrante aborda o familiar, apresenta-se, reforça o objetivo do projeto e demonstra empatia para com o processo de luto vivenciado. Em seguida, é decidido o melhor dia e horário para a entrevista, além do tipo de formato (mensagem, ligação, áudios ou videochamada).

No que diz respeito às mídias sociais, podemos ressaltar suas contribuições nas etapas de apuração, entrevista e redação. Isso porque, como todo contato dentro do projeto é virtual, utilizamos essas plataformas como ferramentas para realizar esses processos. Seja através de aplicativos de mensagens instantâneas ou até redes sociais, contatamos o parente que deseja prestar homenagem, iniciamos o processo de entrevista e recebemos as respostas das perguntas-base para a redação do texto póstumo.

É importante destacar que existem alguns casos em que a entrevista pode ser remarcada pela fonte algumas vezes, isso pode acontecer em função da disponibilidade ou mesmo pela falta de disposição em tocar no assunto do luto. Nesse último caso, o integrante reforça que o projeto pode entrar em contato em outro momento ou mesmo cancelar a entrevista, se a pessoa não estiver bem e confortável para prestar a homenagem - também é possível a fonte indicar outra pessoa mais preparada para conceder a entrevista.

Com essa interação e flexibilização, as entrevistas foram fluindo, embora com a ausência de aspectos importantes obtidos em uma entrevista presencial, como expressões corporais e

faciais e/ou tons de voz. Esse método de entrevista online foi o mais utilizado pelo grupo do Memoráveis e pode ser observado como algo que está presente e pode prevalecer no meio jornalístico.

REDAÇÃO DE HOMENAGENS: MEMÓRIA E AFETO ETERNIZADOS

Jornalistas são contadores de história porque reportam os fatos, e em muitos momentos precisam contar minuciosamente como tudo ocorreu. Groth (2011) caracteriza a atividade jornalística como um relato, comentário, gerando divisões de gêneros em informativos e opinativos. A memória e o afeto descrito pela família ajudam os autores a produzir um material mais próximo possível de quem se fala, mantendo vivas as lembranças.

Segundo Cunha e Mantello (2014, p. 56-57), a carga emocional das histórias faz com que os indivíduos entendam de forma rápida e profunda a mensagem comparando com textos mais corridos e racionais que o jornalismo costuma praticar no cotidiano das redações.

Surgido na década de 60, o novo jornalismo também vem com essa proposta de se desprender do clássico lead, questionando os padrões conservadores da época. Essa técnica tem o objetivo de tornar o texto do jornalista mais convidativo, criando cenários, diálogos - quando possível, hábitos e costumes. Para Carneiro (2017), essa técnica hoje se mistura em várias mídias e plataformas.

Inspirado em técnicas narrativas literárias, o Novo Jornalismo apostou na profundidade das grandes reportagens para adentrar na história de seus personagens, experimentar os fatos e passar para o leitor as sensações afloradas a cada experiência. O estilo tornou as mais variadas histórias atrativas, numa época em que os jornais respondiam restritamente à fórmula do lead: o quê, quem, quando, onde, como e por que? (CARNEIRO, 2017, p.1)

Levando em consideração a importância dessa carga emocional nas narrativas, dentro do projeto são utilizadas as técnicas de escrita do storytelling e do novo jornalismo, que resultam

em um texto onde a sinestesia se mostra presente. As palavras e as sensações descritas causam no leitor um misto de sensações que podem ser sentidas de várias formas, lembranças que despertam no leitor uma nostalgia.

O storytelling constitui uma técnica para narrar fatos como se fossem histórias. Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual [...]. O termo em inglês pode ser traduzido como algo próximo à contação de histórias, situação na qual o jornalista é contador (teller) e o fato apurado. (story) é o que deve ser narrado. (MANTELLO, 2014, p. 58).

“Concretizou os ensinamentos mais honrados que um homem pode deixar em terra: amor, respeito e serenidade!”. Esse foi o enunciado que representou Benedito José Gomes de Lima, ao ser lembrado pelo seu neto, Allysson José. A narração do texto-tributo começa com uma frase que traz consigo uma grande representação, algo que seja lido e lembrado instantaneamente. Geralmente, os textos-tributos do Memoráveis fazem uma passagem pela linha do tempo: infância, juventude, vida adulta e velhice, dependendo da idade e do marco temporal do homenageado. A sinestesia explicada tem a poesia e a sensibilidade necessárias para o jornalista levar todas as informações apuradas ao leitor de forma clara e humana. Assim como no gênero obituário, quanto mais detalhes e informações a apuração permite, mais rica e especial fica a homenagem.

Em um dos textos produzidos para homenagear Maria Abigail Marques de Magalhães Maurício, a integrante Kamilla Abelly utilizou o detalhamento de lembranças que envolvem o paladar, quando, a partir do testemunho da neta Letícia, escreve: “Fazia brigadeiro, com pontos diferentes, todos enroladinhos no açúcar, para agradecer os netos”, automaticamente, o leitor é convidado a se recordar de momentos como esse e a usar a imaginação para completar a cena.

“Bobó de camarão, falas altas e os netos a aperreando” - o cheiro, o paladar, a audição. Sentimentos mistos dentro do texto-tributo de Maria Abigail que, para a família, causa uma

sensação nostálgica; e para o leitor, uma sensação de pertencimento, de aproximação, de empatia que os números macros da TV não os permite sentir.

Embora o texto seja escrito, as palavras podem conduzir o leitor a uma viagem sensorial muito marcante nos materiais produzidos pelo Memoráveis Alagoas. No epitáfio de Ronaldo dos Santos, por exemplo, o Mestre Pancho do Fandango do Pontal da Barra foi lembrado por seus momentos com a natureza: “Quase todas as tardes o seu encontro estava marcado com o pôr do Sol, enquanto escutava forró em seu sonzinho inseparável, sempre acompanhado de seu violão. Momentos inesquecíveis, únicos”. Na produção, a integrante Ana Beatriz utiliza lembranças da família que despertam no leitor uma viagem para o pôr-do-sol, imaginando o calor, a visão e um som, até mesmo, sem citar características físicas, uma figura humana que seria o personagem principal da história: Ronaldo.

Esse afeto leva o leitor à aproximação necessária para que o projeto atinja muito mais do que família e amigos, criando uma rede que se solidariza com esses momentos e sensações. A internet e as redes sociais foram importantes para a ampliação dessa aproximação. E em um momento de pandemia, na qual as relações humanas se fragilizaram, essa humanização e sensibilidade foram de extrema importância para que o projeto tivesse um papel social impactante.

IMPACTO POR MEIO DAS HOMENAGENS

Ao todo, o projeto já produziu mais de 65 textos-tributos e entrevistou mais de 70 familiares e amigos, que participaram diretamente ou indiretamente na construção das homenagens. Números que são significativos em um contexto onde muitas pessoas estavam isoladas, com medo, enfrentando o desconhecido em um trabalho composto por atividades remotas.

O feedback dos familiares e amigos foi importante para que pudéssemos compreender a magnitude dos nossos materiais e eternizar de forma poética pessoas que nós não tivemos a chance de conhecer. Leticia Barbosa, neta da Maria Abigail, uma das homenageadas pelo projeto, considerou o Memoráveis Alagoas uma parte importante no processo de aceitação do luto.

“[O projeto Memoráveis] me ajudou a viver o luto. Embora seja um processo individual, por meio desse trabalho, consegui entender que a saudade é apenas uma memória que nunca morre. E que o projeto faz justamente esse papel, de eternizar uma história, um amor, uma vida em algo palpável, eterno.” finaliza.



Fonte: Spotify, 2022 (Episódio do podcast Memoráveis Alagoas em que Letícia traz seu relato de experiência com o projeto).

É importante destacar a função essencial das redes sociais dentro do projeto. Isso porque, a partir delas, tanto pode ser feito o contato com o parente numa etapa de apuração, quanto são divulgadas homenagens realizadas e informações sobre o projeto de extensão. Por meio dessas postagens, que ganham forma em artes gráficas e vídeos, é criado um espaço de interação que envolve não só a família e pessoas que conheciam o homenageado, mas também toda uma sociedade que vivenciou o luto coletivo, solidarizando-se com a dor do outro.

A partir do engajamento e compartilhamento por meio desses seguidores (seja na conta do Instagram, Twitter ou Facebook do projeto), o projeto alcança outros alagoanos que desejam homenagear seus parentes vitimados pela Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Memoráveis Alagoas mostrou que o trabalho de um jornalista num contexto de pandemia pode ser tanto informar quanto poder trazer, em um momento tão doloroso para a humanidade, uma homenagem em forma de prosa poética. Os integrantes do projeto

vivenciaram momentos em que a prática jornalística foi pautada pelo distanciamento social e pelo medo do desconhecido.

A produção do Memoráveis apresentou um estilo de escrita sensível, trazendo como fonte parentes que fizeram uso de expressões utilizadas pelo próprio homenageado. O projeto despertou nos entrevistados e demais leitores boas lembranças e saudades por meio de técnicas do Novo Jornalismo e do Storytelling, sendo assim possível obter a aproximação de outras pessoas que também se solidarizaram com a dor do outro.

Seguindo Cunha e Mantello (2014), o sentimento nas entrelinhas das histórias eternizam as memórias afetivas. Isso permitiu que o Memoráveis AL tivesse um impacto social não só pelo contexto inédito, mas por manter vivo um sentimento peculiar: a saudade. Nesse sentido, ao longo dos ciclos do projeto os estudantes puderam observar a força das palavras, e como, através da escrita podemos, de forma humana e sensível, eternizar a história de uma vida.

O poder de capilarização das redes sociais levou o conteúdo do Memoráveis para outras pessoas, sendo inclusive pontes para novas histórias. Com a pandemia, toda equipe aprendeu a atuar de forma online, realizando as produções com o auxílio de tecnologias e redes sociais, seguindo todos os protocolos sanitários e distanciamento social.

O projeto Memoráveis deixou sua marca no estado de Alagoas, eternizando vidas que foram encurtadas por causa da Covid-19 e reafirmando seu compromisso com o jornalismo ético, respeitoso e humano.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Memoriais on-line às vítimas da Covid-19 no Brasil:** narrativas sensíveis à dor alheia. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 18, n. 1, jan./jun. 2021. Sergipe: pág. 11-24, 2021.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/77189/46832>>. Acesso em 05 de jul. 2022.

CUNHA, K. M. R. & MANTELLO, P. F. **Era uma vez a notícia**: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. Rev. Comun. Midiática (online), Bauru/Sp, V.9, N.2 . 2014. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/185/186>> . Acesso em 10 de jul. 2022.

DEL-MASSO, M,C,S. et al. **Interdisciplinaridade em extensão universitária**. Rev. Ciênc. Ext. v.13, n.3, p2 . 2017. Disponível em: <https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1852/1408> . Acesso em 10 de jul. 2022.

FLORESTA, Cleide e BRASLAUSKAS, Lígia. **Técnicas de reportagem e entrevista em jornalismo**: roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

INUMERÁVEIS. **Sobre o Memorial Inumeráveis**. Disponível em: <<https://inumeraveis.com.br/sobre/>>. Acesso em 05 de jul. 2022.

MONTEIRO, Luís. **A internet como meio de comunicação**: possibilidades e limitações. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro, 2001. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/62100555399949223325534481085941280573.pdf>> > Acesso em 10 de ago. 2022.

PAINEL COVID-19 EM ALAGOAS. Disponível em: <<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/painel-covid-19-em-alagoas/resource/72caf95e-f44e-4c8d-a155-ce50f0fce606>> . Acesso em 06 de jul. 2022.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. **A mídia e a construção do biográfico**: o sensacionalismo da morte em cena. Tempo Social, v. 12, n. 1, 2000. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ts/v12n1/v12n1a11.pdf>> Acesso em: 05 de jul. 2022.

SANTI, Vilso. **O desafio da apuração jornalística no ciberespaço**. Sessões do imaginário. v. 15, n. 24, 2010. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/famecos/article/view/9023>> Acesso em: 10 de ago. 2022.

SOUZA, Juliana; ARAÚJO, Daniel; PAULA, Diego. **Mídia social whatsapp**: uma análise sobre as interações sociais. Revista ALTERJOR. Volume 01 Edição 11 . São Paulo . 2015. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/aj11-a05/96617>> Acesso em 10 de ago. 2022.

THOMPSON, J. B. **Mídia e modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537279/mod_resource/content/2/a-midia-e-a-moder-nidade-john-thompson.pdf> Acesso em 10 de ago. 2022.

VIEIRA, Willian. **Obituário ontem e hoje:** do biográfico fast food a uma “literatura de jornal”. Ilha do Desterro v. 70, nº1, p. 143-159, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2017v70n1p143>>. Acesso em 07 de jul. 2022.